

# LEILÕES ELETRÔNICOS

O mercado eletrônico, especialmente o de leilões, cresce em todo o mundo como mecanismo de ligação entre agentes econômicos. Porém, sua sustentabilidade depende do desenvolvimento contínuo de novas plataformas e soluções tecnológicas

POR MARLEI POZZEBON



Os leilões eletrônicos figuram como uma importante opção para a conexão de agentes econômicos. Entre seus diferenciais, pode-se apontar a capacidade de reduzir assimetrias de informação e de dinamizar mercados, tal como vem ocorrendo com o mercado de segunda-mão, por exemplo. No entanto, o crescimento dos leilões dessa natureza depende do desenvolvimento de recursos tecnológicos adequados.

Nesta entrevista exclusiva, Eric van Heck, especialista em leilões eletrônicos e soluções tecnológicas, discute alguns exemplos bem-sucedidos de utilização do mecanismo de intercâmbio de dados (inclusive um caso brasileiro), seus desafios atuais mais prementes, e também o modo como as empresas podem ser preparadas para utilizá-los.

#### De onde surgiu seu interesse em leilões eletrônicos?

**EVH:** Há 20 anos me interessei em analisar como as tecnologias de intercâmbio eletrônico de dados era usada por compradores e vendedores em leilões de flores, e como estavam transformando esse setor. O interessante desse mercado é seu mecanismo de descobrir o real valor de um produto e de escolher o lance vencedor. Novas tecnologias nos permitem hoje usar mais leilões – como os *online*, por exemplo – e identificar melhor o real

valor do produto e os melhores compradores. O meu interesse, acredito, também está ligado à minha cultura: nós, holandeses, ficamos conhecidos no século XIX por desenvolver o “leilão holandês” como mecanismo de comércio.

#### O senhor acredita que haja áreas e setores inexplorados no que se refere à implementação de mercados desse tipo?

**EVH:** Se pensarmos na área de *e-commerce*, o eBay e o Google são exemplos de como os leilões se tornaram bem-sucedidos. Em vez do leilão de produtos de segunda-mão do eBay, no Google temos um leilão de palavras-chave. Mas existem muitas outras dimensões, produtos e serviços em que podemos observar o uso de leilões. Por exemplo, os leilões de compras do governo estão se tornando cada vez mais importantes. Neles não há apenas a dimensão preço, mas também qualidade, serviço e logística. Chamo esse tipo de leilões de multidimensionais. A Internet permite fazer negociações multidimensionais muito complexas. Ainda não sabemos quais são os melhores conceitos e sistemas, mas estou certo de que a arquitetura e o *design* da informação representam um enorme campo de pesquisas – tanto para pesquisa acadêmica quanto para pesquisa focada em aplicações práticas, com alto potencial de retorno financeiro.

“A cultura brasileira é capaz de lidar com os imprevistos de uma forma criativa, e o caso de Holambra é um interessante exemplo a ser seguido”

**Em sua visão, quais conhecimentos os gestores deveriam ter a respeito dos leilões eletrônicos?**

**EVH:** Eles deveriam saber que não se trata de uma tecnologia para substituir seres humanos. Trata-se de interação humana que pode ser aprimorada por meio da tecnologia. Também precisam entender que nosso objetivo é criar uma nova estrutura de transações capaz de gerar valor para todos – para o vendedor e também para os compradores.

**O senhor realizou um estudo sobre Holambra, o mercado eletrônico brasileiro de flores.**

**Pode nos contar a história desse caso?**

**EVH:** Foi um grande projeto de pesquisa em que analisamos os sistemas genéricos de aplicação utilizados. O caso de Holambra é interessante porque os holandeses se mudaram para lá na década de 1950 e, em parceria com os brasileiros, desenvolveram a área, fazendo dela uma forte indústria de flores e implementando o conceito de leilões holandeses *on-line*. Alguns aspectos são de grande interesse. Primeiro, como o negócio foi concebido, como foi implementado e quais foram as adaptações realizadas para que a idéia vingasse. Em segundo lugar, a compreensão dos gestores sobre a interação global-local foi decisiva para a coleta e adaptação do conhecimento disponível em outras partes do mundo (especificamente a Holanda) à realidade brasileira. Em terceiro lugar, podemos encontrar nesse caso uma marca da cultura do Brasil, a improvisação. A cultura brasileira é capaz de lidar com os imprevistos de uma forma criativa, e o caso de Holambra é um interessante exemplo a ser seguido.



**Qual a relação do caso Holambra com outros que o senhor estudou pelo mundo?**

**EVH:** Em primeiro lugar, outros lugares usam adaptações diferentes. Penso, em particular, no caso de Kunming, na China. Eles também estão desenvolvendo e implementando leilões holandeses *on-line*. Na Europa, alguns países estão fazendo isso só agora. Na América do Norte, também. Assim, o processo de adaptação local-global é uma diferença fundamental. Em segundo lugar, estamos presenciando a transformação do setor de flores em uma indústria global. O Brasil, e Holambra, certamente vai se tornar um dos atores dominantes nessa rede global em que as flores serão transportadas para o melhor comprador ao melhor preço. Os leilões *on-line* são excelentes mecanismos comerciais, especialmente em mercados *spot*.



**O senhor não acha que, além dos aspectos de tecnologia e de desenvolvimento tecnológicos, os mercados *on-line* trazem consequências sociais?**

**EVH:** Sem dúvida. Se pensarmos no eBay, por exemplo, veremos que as pessoas estão usando muito mais produtos de segunda-mão do que antes da Internet. Além disso, no caso das mercadorias de segunda-mão, temos também a ampliação do acesso da população de baixa renda, que de outra forma não poderia consumir esses produtos. O mercado de produtos usados pode ser, na prática, muito maior do que o de novos, se houver uma mudança de mentalidade. Ou seja, se conseguirmos parar de pensar só em comprar coisas novas, tal atitude terá um enorme impacto, especialmente em países em desenvolvimento. Mas, para isso acontecer, preci-

saremos da infra-estrutura adequada. Veja o exemplo de Maurício de Nassau, um holandês que, em 1640, veio ao Brasil e cuja principal preocupação foi logo a de construir infra-estrutura. Séculos depois essa necessidade se mantém. Penso especialmente na infra-estrutura logística, pois os produtos físicos ainda precisam ser transportados de uma região para outra. Há também a estrutura de pagamento e liquidação, notadamente porque as pessoas querem segurança e tranquilidade. Nesse ponto, é preciso desenvolver também um marco regulatório confiável. Se isso tudo ocorrer, com certeza podemos esperar um grande impacto social e econômico dos mercados eletrônicos. Por último, gostaria de destacar a possibilidade de acesso ao mercado mundial, principalmente de pequenos compradores e vendedores. Os grandes agentes sempre dominaram os mercados mundiais – por exemplo, os de café e produtos agrícolas. Agora, um dos desdobramentos promissores é que até os agentes menores podem se conectar diretamente aos mercados consumidores do globo. Obviamente, essa será uma grande conquista para muita gente.

**Ou seja, podemos falar de inclusão social graças aos mercados *on-line*?**

**EVH:** Sim. Mas também há riscos. Conhecemos os riscos do abismo digital. Se você não estiver conectado à Internet, terá uma forte chance de ficar completamente desligado do mundo. Falamos de educação porque estamos em universidades e escolas de Administração, mas precisamos pensar em como a educação irá empurrar a inovação e os novos negócios no conjunto da sociedade. Precisamos ainda garantir o acesso do maior número possível de pessoas à Internet; do contrário, criaremos um verdadeiro abismo educacional. E também asse-

# “O Brasil precisa investir mais no desenvolvimento de redes empresariais inteligentes, que sejam capazes de otimizar o uso compartilhado de recursos”

gurar a transparência das informações, não só do ponto de vista econômico, mas de justiça. É por essa razão que os leilões são mecanismos excelentes, pois reduzem a assimetria de informações. Todos podem participar, fazer lances, vencer.

## **E no campo das empresas, quais são as consequências das novas tecnologias de informação?**

**EVH:** Estamos prestes a presenciar a nova onda da tecnologia de rede, a Web 2.0. Com ela, as empresas devem trabalhar cada vez mais em cooperação, especialmente as que possuem o mesmo tipo de arquitetura e infraestrutura. Entendo, porém, que tal cooperação deverá vir acompanhada da capacidade de as empresas se conectarem e se desconectarem rapidamente. No fundo, as empresas percebem que o mundo está mudando no sentido de uma maior integração. Antes, uma empresa podia ser apenas do ramo de seguros, ou de automóveis; hoje, porém, a integração em rede faz com que as empresas de diversos setores tenham de combinar seus produtos e serviços a fim de oferecer soluções mais complexas a seus consumidores. De novo, para isso ser possível será necessário o desenvolvimento de uma infra-estrutura de rede. Insisto, portanto, que o Brasil precisa investir mais no

desenvolvimento de redes empresariais inteligentes, que sejam capazes de otimizar o uso compartilhado de recursos. O foco é ser melhor que o concorrente; porém, este não é mais uma empresa específica, mas uma rede de empresas que concorrem umas com as outras, e em âmbito global.

## **As redes inteligentes poderiam representar algum tipo de evolução do mercado eletrônico? Poderiam ser o futuro desse mercado?**

**EVH:** No mercado *on-line* temos vários focos: o dos vendedores, do formador de mercado e do comprador. De um certo ponto de vista, isso já representa uma pequena rede. Em uma pesquisa que estamos conduzindo descobrimos que uma das posições mais fortes dentro de uma rede é a que chamamos de “posição-ponte”. Nessa posição, as empresas tentam conectar-se a duas sub-redes diferentes. A principal questão é: quem preencherá essa posição? Será o formador de mercado? Enfim, esse poderia ser uma possibilidade. A outra é: será que a posição-ponte vai ser preenchida por uma única empresa, que então teria a tarefa exclusiva de coordenar as sub-redes, por meio de leilões ou outros mecanismos? Esse é o ponto atual em que estão nossas investigações, e que acreditamos ser potencialmente rico para estudos futuros. ✖

MARLEI POZZEBON, Professora associada da HEC Montréal, marlei.pozzebon@hec.ca